

“Literatura, teologia e ciência no século XVII italiano: Francesco Redi”

Prof. Dr. Sérgio Mauro

Resumo:

Pretende-se examinar a confluência das idéias científicas, sobretudo as de Galileu e dos naturalistas da Toscana, na literatura italiana do século XVII. Para tanto, serão analisados os escritos de Francesco Redi, médico e naturalista famoso da Corte dos Médici, nascido em Arezzo em 18 de fevereiro de 1626 e morto em Pisa em 01 de março de 1698, autor de notáveis livros em que refuta teorias aristotélicas ainda em vigor sobre a geração espontânea dos insetos e, de fundamental importância para a presente comunicação, poeta refinado que cantou o amor ao vinho e o elogio dos prazeres mundanos no poema “Bacco in Toscana”, em 1685, famoso ditirampo em que se faz a louvação das virtudes do Vino Nobile de Montepulciano, um dos mais conhecidos vinhos da Toscana.

Palavras-chave: Teologia e Literatura, Ciência e Literatura, O Barroco na Literatura Italiana.

A leitura de *Osservazione intorno alle vipere*, obra responsável pela ótima reputação de Redi, médico e naturalista famoso da Corte dos Médici, nascido em Arezzo em 18 de fevereiro de 1626 e morto em Pisa em 01 de março de 1698, autor de notáveis livros em que refuta teorias aristotélicas ainda em vigor sobre a geração espontânea dos insetos, permite concluir que se trata de um conjunto de observações sobre as diferentes espécies de cobras aparentemente de pouca importância para o presente estudo. No entanto, cabe observar que as anotações de Redi sobre os efeitos do veneno das cobras “inauguram” o método científico que se tornará ainda mais evidente na obra seguinte. Por meio de experiências empíricas, insistentemente repetidas, ele consegue demonstrar a falsidade da doutrina clássica que atribuía à bílis a origem do veneno das cobras. Bastaria um exemplo para demonstrar de que maneira Redi chega à conclusão de que o veneno das cobras se localiza na cavidade oral. Para resumir, pode-se dizer que Redi mostra como se propaga o veneno das cobras com uma experiência prática banal, que consistiu em dar de comer a um gato carne impregnada com o veneno extraído das cobras. Constatando que o gato não morreu após a ingestão da carne, Redi demonstra que o veneno só tem efeito quando inoculado nos outros animais pela mordida da cobra. Com tal método, a obra consegue divulgar no ambiente científico europeu a pioneira atividade experimental que se realizava na corte dos Médici.

Embora *Osservazione intorno alle vipere* seja de fundamental importância para a história da ciência e permita identificar o método científico pioneiro empregado por Redi, apenas na obra seguinte, *Esperienze intorno alla generazione degli insetti*, escrita como a anterior em forma epistolar, mas não mais destinada ao famoso erudito Lorenzo Magalotti, e sim a Carlo Dati, encontram-se os elementos que permitem a análise da “osmose” entre ciência e literatura na obra do autor, de fundamental importância para a presente pesquisa.

A leitura de *Esperienze intorno alla generazione degli insetti* ofereceu-me a possibilidade de iniciar a identificação dos elementos literários que aparecem em quase todos os relatos científicos de Redi. Na edição que consultei, de 1996, Walter Bernardi afirma na introdução:

“... il Redi scienziato che conosciamo attraverso i suoi testi a stampa (e che, per comodità, distinguiamo dal Redi letterato ed erudito, pur sapendo benissimo che si tratta di aspetti costitutivi della stessa personalità) costituisce solo una minima parte del Redi inedito che è rimasto sepolto fino ad oggi nei fondi archivistici delle biblioteche fiorentine

(...)

Il modello seguito da Redi nell'affrontare qualsiasi problema scientifico si articolava normalmente in tre fasi: esposizione dello status questionis; citazione di tutti gli auctores, antichi e moderni, che avevano parlato pro e contro le soluzioni possibili; resoconto delle esperienze personali. Solo dopo aver esaurito con escrupoloso puntiglio ed esasperante pignoleria i primi due compiti, il naturalista aretino si decideva per ‘chiarir [si] della verità’, e non ‘star [se] ne al detto degli altri, a passare alla fase sperimentale della ricerca, per ‘vederne la prova co’ propri

*occhi*¹’...

Veremos mais adiante, quando analisarmos o poema “Bacco in Toscana”, como as mencionadas “três fases” serão utilizadas na composição dos versos e nas referências eruditas feitas pelo autor. Por ora, interessa-nos destacar que ao escrever de forma epistolar, Redi faz largo recurso de citações literárias, seja para justificar-se ao amigo Carlo Dati, a quem as cartas são destinadas, seja para desmentir afirmações científicas feitas pelos escritores de outras épocas que acreditavam na geração espontânea aristotélica. O passo seguinte demonstra exemplarmente o emprego feito pelo autor de textos de poetas e escritores famosos, tanto dos clássicos gregos e latinos como dos poetas italianos do Renascimento, como Ludovico Ariosto:

“Io vi prego dunque a prendervi la fatica di leggere nell’ ore meno occupate questa mia Lettera ma di leggerla con animo di dirmene il vostro sincerissimo parere, e con esso di darmi quegli ch’io vi chieggo amorevoli ed al vostro solito dottissimi consigli, coll’aiuto de’ quali riuscendomi di tor via il troppo ed il vano, ed aggiugnendo cio che sarebbe di mestiere,

*Forse che ancor com più solerti studi
Poi ridurrò questo lavor perfetto”*²

Walter Bernardi ressalta em nota de rodapé que a passagem com que Redi encerra a sua justificativa e o seu pedido de conselhos ao amigo Dati que os versos citados são do *Orlando Furioso*, III, IV, vv.3-4. Aqui, sem dificuldade, pude perceber como Redi se apoiava sem nenhum receio em fontes literárias para dar respaldo às suas observações científicas. Inicialmente, trata-se apenas de justificar possíveis imperfeições do trabalho

¹ Redi, Francesco. *Esperienze intorno alla generazione degli insetti*. Firenze:Giunti, 1996, intr. De Walter Bernardi.

² op. cit. p. 7.

que será desenvolvido mais adiante. A passagem citada demonstra claramente que a prosa científica do autor se nutre de referências literárias, seja a fim de obter estímulo inicial para não desistir da empreitada, seja para nivelar-se com os “sábios” do passado que também enfrentaram dificuldades quando se dispuseram a realizar vultosas obras que deixaram marcas indeléveis na história da cultura, literatura ou científica.

A osmose de que falamos antes estava apenas começando, pois nas páginas centrais de *Esperienze intorno alla generazione degli insetti*, Redi buscará na literatura os exemplos de que necessita para demonstrar os “erros” do passado no que diz respeito à geração dos insetos. De fato, mais adiante ele passa a citar Gerolamo Vida, literato da Lombardia (1485-1566) que escrevia em latim e imitava Virgílio. Os versos de Vida citados se referem à geração espontânea nas carnes de um animal em putrefação que fora alimentado com folhas de amoreira. Para desmentir a “tese” sustentada na poesia do autor lombardo, que ainda era defendida por muitos cientistas do século XVII, Redi inicia a descrição das provas empíricas: *“Il che fu sentito per vero da due grandi e giustamente celebrati filosofi del nostro secolo, cioè da Pietro Gassendo e dal padre Onorato Fabri e, prima di loro, da Ulisse Aldrovando. Io non so che dirmi; l’esperienza non l’ho fatta, né mi sento voglia di farla: so bene che dalle carni d’un capretto, pasciuto venti giorni di sole foglie di moro, non nacquero altro che vermi, i quali si trasformarono in mosconi; e dalle carni dello stesso capretto, tenute in vaso serrato, non nacque mai cosa veruna. Io so parimenti che sulle more riscaldate e putrefatte nascono vermi, che diventano moscioni e mosche ordinarie; e che sulle foglie del moro infracidate si veggono nascere altre mosche ordinarie e quattro o cinque altre sorte di moscherini minuti, i quali nascono ancora su tutte quante l’altre erbe, purché vi sieno state portate le sementi e l’uova delle mosche e de’ moscherini...”*³

A leitura do trecho referido acima me fez perceber com clareza que Redi não faz distinção entre a afirmação (no caso, para ele mentirosa) contida num texto literário, que faz uso de versos com métrica e rimas, e o que pode ser afirmado num relato científico, fruto da observação direta de fenômenos naturais. Ezio Raimondi, no admirável livro *Scienza e letteratura*, refere-se à leitura perfeitamente possível de um texto científico com medidas e critérios literários: *“Cio non esclude affatto che si possa poi leggere un testo scientifico alla stregua di un testo letterario non perché si dimentica o si fraintende il suo statuto fondamentale, non perché vi si percepisce un codice concomitante dell’immaginazione, un impulso stilistico che è secondo le parole di Valéry la plenitudine dell’intelligenza, donde l’idea della letteratura esce arricchita di una nuova dinamica, di un nuovo orizzonte intellettuale.”*⁴

Embora no trecho citado Raimondi se refira ao século XIX, parece-me claro que se possam aplicar estas afirmações teóricas a *Esperienze intorno alla generazione degli insetti*, à medida que Redi escreve relatos científicos que saem enriquecidos com o uso de citações literárias e, concomitantemente, “enriquece” o texto literário citado, pois lhe empresta uma nova perspectiva, um novo “uso”. Evidentemente, os relatos do naturalista ficam “impregnados” de literatura, e isto se reflete no próprio estilo utilizado na descrição dos fenômenos naturais, ou na “técnica” empregada para a refutação das teses aristotélicas da geração espontânea. Não se pode esquecer, ainda, o já mencionado caráter epistolar da prosa científica de Redi que se insere na linha de pensamento do século XVII, caracterizado pela utilização de um novo método de pesquisa, racionalista ou experimental, e dentro de uma prática coletiva. O uso das cartas reflete a necessidade

³ idem, p. 187.

⁴ Raimondi, Ezio. *Scienza e letteratura*. Torino: G. Einaudi, 1978.

de submeter as descobertas ao parecer dos demais colegas de academia. Disso derivam a contínua troca de cartas entre os cientistas e literatos da época e o nascimento das academias científicas. A “Accademia del cemento”, à qual pertenceu Redi, inspirava-se nas idéias de Galileu e tinha por mote “provando e ríproando” (experimentando e voltando a experimentar), que naturalmente queria significar “experimentando e recusando as experiências e conclusões que se demonstram errôneas”.

Como se viu anteriormente, no trecho citado em que Redi demonstra a falsidade das afirmações do literato Gerolamo Vida o mote da “Accademia del cemento” é rigorosamente aplicado, visando, porém, à negação das idéias contidas num texto literário. Redi já havia feito anteriormente experiências contínuas que lhe permitiram o emprego da expressão “so bene” (“sei muito bem”) para reafirmar as suas convicções.

Ainda com relação ao caráter literário do livro sobre os insetos, boa parte da bibliografia consultada chama a atenção para a nova “tecnologia” que surge na Europa no século XVII. De fato, embora os primeiros microscópios do início do século XVII ainda proporcionem imagens distorcidas, inúmeras obras científicas passam a relatar experiências que se tornaram possíveis graças à nova tecnologia. Um mundo novo, constituído por estruturas de dimensões reduzidas e antes desconhecidas, começa a influenciar não apenas a prosa científica, mas também o ambiente artístico-literário. Citando Pascal, Umberto Eco comenta a mudança de perspectivas provocada pelas descobertas de Galileu e de outros cientistas e pelos novos instrumentos à disposição:

“ Il brivido che l'uomo di questo secolo può provare di fronte a questa nuova immagine del mondo si trova espresso in Pascal che definisce l'uomo come situato tra due infiniti, l'infinitamente grande e l'infinitamente piccolo. Si allarga la terra, si amplia il cielo, si rivelano degli abissi. Sta cambiando l'intera forma dell'universo, e questo sentimento si riflette anche nelle arti. Se la terra si muove alla periferia di un astro centrale, se il sistema solare non è più una serie di sfere di cristallo e gli altri pianeti si muovono come il nostro, se esistono altri corpi celesti di cui si ignorava prima l'esistenza, non sarà difficile iniziare a pensare che non solo l'universo può ospitare infiniti altri mondi, ma che molti di questi mondi possono essere abitati come il nostro.”⁵

Em outra passagem de *Esperienze intorno alla generazione degli insetti*, tem-se a impressão que o microscópio proporcione ao anatomista uma atitude de distanciamento, que o torna quase um sádico a apreciar a transformação de um ser vivo num objeto seccionado, dissecado:

“ [...] non ostante che a certi di quegli animaluzzi avessimo strappato fuor del corpo tutte quante lê viscere, [...] continuavano a vivere o a muoversi, in quella guisa appunto che fanno le vipere sventrate ed altri molti insetti; per lo che ad alcun'altri tagliammo il capo, ed'l capo senza il busto per qualche breve tempo vivea; ma il busto senza capo vivacissimamente per lungo tempo brancolava, come se avesse tutti quanti gli altri suoi membri; onde per ischerzo e per giuoco

⁵ Eco, Umberto (coord.). *Il Seicento* (cd rom). Milano: Opera Multimedia, 1995.

*da villa ci risolvemmo a rinnestare il capo sul busto, e ci riuscì
con quella stessa facilità colla*

*quale riusciva di rinnestare le membra all'incantatore Orrilo, di
cui il grand' epico di Ferrara:*

La bestia ne l'arena appresso al porto

Per man dei duo fratei morta giacea;

E per questo ad Orril non si fa torto,

S'a un tempo l'uno e l'altro gli nocea.

Piú volte l'han smembrato, e non mai morto,

Né, per smembrarlo, uccider si potea;

Che se tagliato o mano o gamba gli era,

La rapicavva, che pareva di cera.”⁶

Se há “sadismo” na descrição inicial, a imagem literária mais uma vez extraída do *Orlando Furioso*, de Ariosto (no caso, Canto XV, 69-71) desfaz rapidamente o excessivo rigor científico, “ilustrando” a experiência feita, como notou o crítico Marziano Guglielminetti:

“Nei casi, in cui l'impressione riferita si verifica, c'è da notare che la memória letteraria soccorre l'andamento descrittivo freddamente intrapreso.”⁷

Guglielminetti percebe, ainda, como Redi de certa maneira antecipa na *Esperienze* o conceito leopordiano dos “erros” dos antigos:

“Mirabile è nell'Esperienze intorno alla generazione degli insetti la capacità di far circolare, attorno alla vecchia opinione che gli insetti si generino dalla putrefazione, tutta una serie di rimandi colti, poetici e non, i quali si rivelano ‘menzogne’ allá luce dell'esperienza diretta. L'esperienza conferma l'ipotesi di partenza, che occorre un uovo o un seme, perché dalla matéria putrefatta nasca l'insetto. È una sorta di leopordiano ‘saggio sopra gli errori popolari degli antichi’, quello che il Redi redige, senza particolare acrimonia, com una sapienza nel taglio delle citazioni e nella parafrasi delle opinioni altrui che, restituendo apparentemente voce agli avversari della sua ipotesi, finisce per tesserne una sorta di mummificazione ultima. Di contro ci sta il resoconto dell'esperienza, il diário che può conoscere le tappe di un lungo processo sperimentale, oppure il restringersi all'episodio singolo. La personalità del ricercatore si riduce all'occhio, o al microscopio che usa; anziché commentare o partecipare direttamente, il ricercatore interviene nel fare della parola scientifica l'equivalente del disegno della figura allegata.”⁸

⁶ op.cit., p. 243.

⁷ Guglielminetti, Marziano. In: *Storia della Civiltà Letteraria Italiana* (dir. G.Squarotti). Torino:UTET, 1990, vol. III, p.241.

⁸ op.cit., p.242.

Vale ressaltar que não é apenas nas *Esperienze* que se encontram referências ou características literárias. Encontram-se referências literárias também nos *Consulti medici*. Como o título indica, trata-se de interessante volume, editado pela primeira vez no século XIX, com as principais observações sobre diversos pacientes feitas pelo médico Redi. Referindo-se aos *Consulti*, Carmine Jannaco destaca o estilo vivaz, desprendido, claramente “literário”, com que o autor aconselha os pacientes:

*“In questi Consulti prendono spesso rilievo e vita le singole figure dei pazienti, cui il Redi rivolge i suoi consigli suggeriti quasi sempre da un sano buon senso e avvivati da apologhi e facezie. Fondandosi infatti sulla persuasione che la natura è la ‘vera e sola medica dei mali’, egli consiglia l’astinenza dalle medicine promettendo in cambio ‘una grandissima quiete d’anima e di corpo’. Assai più dei farmaci giova ‘la regola della vita...; ma però con gentile ed amorevole discretezza’”(Consulti)”*⁹

Levando em consideração a precedente análise das características literárias das obras científicas mencionadas, pode-se passar à leitura do *Bacco in Toscana*. Trata-se de um “ditirambo”, isto é, espécie de canto coral que na literatura grega era dedicado a Dioniso ou Baco. Das várias edições recentes que consultei a que me pareceu mais completa foi a de 1996, publicada pela Editora Bulzoni e com introdução e comentários de Carmine Chiodo, e a ela farei referência de agora em diante. De fato, a edição comentada por Chiodo tem o mérito de transcrever nas notas de rodapé muitas das *Annotazioni*, ou seja, os comentários eruditos e “acadêmicos” feitos pelo próprio Redi.

Em *Bacco in Toscana* encontramos a perfeita fusão entre o naturalista-médico-cientista e o literato-acadêmico. Não se trata apenas de mero exercício literário ou simples pretexto para mostra de erudição do acadêmico Redi. Sem pretensões de igualar-se a ilustres antecessores que ele tanto admirava como Dante e Ariosto, Redi elaborou um poema com métrica variada e, para a época, inovadora, com a mesma metodologia empregada nos seus relatórios científicos. De fato, ao narrar a história do deus que vai à Toscana com a sua amada Ariadne (“Arianna”) e inicia uma grande libação, com progressiva embriaguez e com rasgados elogios aos vinhos toscanos, sobretudo ao “*Nobile di Montepulciano*”, Redi segue a metodologia a que nos referimos antes que prescreve a exposição inicial da questão (ou “tema” neste caso), depois a exaustiva citação dos autores (neste caso, dos poetas e escritores em geral, além dos eruditos e cientistas que se referiram ao vinho) e, por último a conclusão final (que aqui equivale ao elogio final de Baco ao vinho de Montepulciano).

O que realmente determina o andamento do poema é a embriaguez progressiva de Baco. Para mimetizar o estado ébrio do deus, Redi emprega principalmente métrica e ritmos variados que mudam a todo o instante, inclusive com interrupções de verbos e palavras, ou com repetições próprias de quem já não está mais lúcido. Alguns exemplos:

⁹ Jannaco, Carmine e Capucci, Martino (org.). *Storia letteraria d’Italia* (volume VIII). Milano: Vallardi, 1986.

*“E se a te/E se a te brindisi io fo/ Perché a me/Perché a me/Perché a me faccia il buon pro./Il buon pro;/Ariannuccia leggiadribelluccia,/Cantami un po.../Cantami un pó.../Cantami un poco, e ricantami tu/Sulla vio.../Sulla viola la cuccurucù”*¹⁰

Na introdução à obra, Carmine Chiodo refere-se ao período em que Redi iniciou o seu poema e as prováveis fontes que o autor consultou:

“Il Redi incominciò il ditirambo nel 1673, insieme com l’ ‘Arianna inferma’, proponendosi di celebrare ad um tempo le lodi del vino e quelle dell’acqua. Questa seconda opera rimase incompiuta; non il Bacco in Toscana, che l’autore non si stancò di limare e correggere, portandolo da novantre versi a novecento ottanta, cambiandogli successivamente il titolo, che era da principio I vini della Toscana, di poi Bacanale in lode de’ vini della Toscana, e finalmente divenne Bacco in Toscana. Nel 1685 il ditirambo era compiuto. (...) All’origine del Bacco c’è forse Lê Triomphe De Bacchus dans lês Indes. Mascarade dansée devantsa majesté le 9 janvier 1666 (a Paris, par Robert Ballard, MDCLXVI). Il Redi conosceva benissimo quest’opera ed essa probabilmente gli ha fatto sorgere in mente la vaga idea di trattare poeticamente l’elogio di Bacco o, meglio l’elogio dei vini di Toscana.”¹¹. Trata-se, sem dúvida, de verdadeira “propaganda” dos vinhos toscanos. Baco não cessa de comparar todas as bebidas européias e os principais vinhos das regiões italianas aos vinhos da Toscana. Evidentemente, acaba sempre concluindo que os vinhos da região do Chianti são os melhores, sobretudo o de Montepulciano, declarado ei dos vinhos nos versos finais. Vale notar que Redi, nas Annotazioni citadas por Carmine Chiodi, não poupa referências a autores que no passado comentaram os efeitos benéficos do vinho no corpo humano, de Homero a Horácio e Virgílio, de Dante e Petrarca a Ariosto.

Não contente, porém, com a simples citação de literatos e médicos do passado, o autor menciona as várias técnicas de cultivo dos vinhedos, o solo e o clima adequados à produção de grandes vinhos, a justa apreciação dos vinhos nos recipientes adequados e a temperatura correta para servi-lo sem alterar as suas propriedades:

*“Finché tutto si possa risolvere/In minutissima polvere/ Che mi renda il ber più fresco/Per rinfresco del palato./Or ch’io son morto assetato,/ Del vin caldo s’io m’insacco,/Dite pur ch’io non son Bacco.”*¹²

E ainda:

*“Or questo che stillò dall’uve brune/ Di vite sassossime toscane,/Bevi Arianna e tien da lui lontane/ Lê chiomazzurre Naiadi importune;/ Che saria/Gran follia/ E bruttissimo peccato/ Bere il Carmignan quando è innacquato/Chi l’acqua beve/Mai non riceve/Grazie da me.”*¹³

¹⁰ Redi, Francesco. *Bacco in Toscana*, intr. e commento di Carmine Chiodo. Roma: Bulzoni, 1996, p. 168.

¹¹ op. cit., p. 14.

¹² idem, p. 128.

¹³ idem, p. 159.

Vale lembrar também que a divulgação científica por meio de cartas destinadas a amigos de que falamos antes (forma “epistolar”) reflete-se no *Bacco*. De fato, todo vinho elogiado (ou execrado) pelo deus destina-se a um dos correspondentes de Redi. É como se a descoberta científica relatada nas obras que mencionamos se transformasse aqui na “descoberta” do vinho adequado a cada personagem citada por Bacco, quase sempre amigos do autor, e não apenas da Itália (nos versos 355-357 há uma referência ao francês Regnier (“a monsieur l’abbé Regnier”). O elenco dos nomes é longo e vai de amigos íntimos como Lorenzo Magalotti a supostos “desafetos” (que no poema tecem os louvores de vinhos de outras regiões da Itália) como Fasano. Ironicamente, o próprio Redi é mencionado duas vezes: na primeira (v. 265), Bacco se refere aos vinhedos possuídos pelo naturalista; na segunda, há uma referência ao “frioento” Redi, que não consegue, ao contrário do deus, esquentar-se com o vinho. Estes versos curiosos, aliás, talvez façam alusão ao fato de que Redi, na opinião de muitos estudiosos, fosse provavelmente abstinente, apesar de proprietário de vinhedos e notável conhecedor dos vários tipos de vinhos. *Bacco in Toscana*, porém, poderia hoje ser utilizado por qualquer enófilo do século XXI, à medida que quase todas as técnicas e quase todos os vinhedos e vinhos da Itália mencionados são ainda utilizados ou produzidos.

A erudição do autor certamente se insere na perspectiva científica adotada no poema. As *Annotazioni* constituem verdadeiro manual de filologia (e não apenas de palavras da língua italiana e dos vários dialetos peninsulares), de enologia e de observações dos efeitos do álcool sobre a mente humana feitas por um bibliófilo, um acadêmico que se dedicava tanto aos experimentos práticos como à leitura exaustiva da literatura clássica e da literatura italiana.

Pelo que procuramos expor até agora, parece inegável que as descobertas científicas de Galileu e o surgimento de uma nova tecnologia, sobretudo com a referida invenção do telescópio e do microscópio, deixaram marcas profundas na literatura da época, gerando inclusive novas formas lingüísticas, novas metáforas e novos temas poéticos. Um novo olhar surge para os escritores. A nova natureza revelada, com imensidões e pequenezas nunca antes imaginadas, ora provoca desolação, ora provoca notável entusiasmo no escritor. Redi insere-se certamente entre os que mostraram enorme entusiasmo diante das descobertas. Como procuramos mostrar até agora, o caso de Redi é, porém, bastante particular, à medida que a sua intenção era claramente realizar a osmose entre ciência e literatura, da qual ambos, o literato e o cientista, saíam “contaminados”.

Vale lembrar, ainda, que a bibliografia sobre Redi e sobre as relações entre ciência e literatura no Barroco ressalta também os limites da prosa científico-literária do autor. Naturalmente, essa avaliação das obras de Redi é quase sempre feita com relação a Galileu:

“Il nitore e la precisione del dettato corrispondono evidentemente, sul piano espressivo, all’attenta cura dei particolari, metodica nello scienziato; ma nello stesso tempo costituiscono una spia di quell’impoverimento della problematica culturale, che è caratteristico di tutta l’attività scientifica posteriore a Galilei. La poliedricità degli interessi non risponde più a un impegno totale per una trasformazione della cultura, ma esprime una forma di eclettismo tanto equilibrato quanto soddisfatto di sé; perciò la stessa arguzia del Redi non ha più nulla della mordente incisività galileiana, ma è

il sorriso che affiora sulle labbra dell'uomo di gusto soddisfatto delle proprie competenze e della propria superiorità. Analogamente l'attenzione portata alle varie fasi e manifestazioni de um fenomeno acquista spesso un'inflessione compiaciuta...".¹⁴

O “sorriso” do cientista-literato, sábio e erudito, a que se refere Asor Rosa, certamente se encontra no ditirambo de Redi, destoando da típica poesia barroca da época. Desse modo, há certo caráter “arcádico” no *Bacco in Toscana*, antecipando a corrente literária sucessiva. As relações entre a ciência, teologia e literatura foram bastante alteradas por autores como Redi, e graças a essa mudança a linguagem e o léxico empregados, a própria estrutura métrica da poesia sofreram notáveis transformações, como procuramos demonstrar anteriormente. Gostaria, portanto, de concluir ressaltando novamente a notável “modernização” provocada principalmente pelos naturalistas toscanos. Essa modernização levará a uma nova relação entre ciência e literatura no Arcadismo, tema de pesquisas que realizarei futuramente.

Referências Bibliográficas

- ANSELMINI, Gian Mario. *Breviario dei classici italiani*. Milano: Mondadori, 2000.
- ANZOLINI, Bruno. *Vino e poesia*. Udine: Campanotto, 1994.
- ASOR ROSA, Alberto. *Genus italicum*. Torino: Einaudi, 1997.
- _____. La nuova scienza. Il barocco e la crisi della controriforma, in *Letteratura Italiana, Storia e Testi*, Vol. V. Bari: Laterza, 1974.
- BAFFETTI, Giovanni (org.). *Letteratura e orizzonti scientifici*. Bologna: Il Mulino, 1997.
- _____. *Alambicco e calamaio: scienza e letteratura fra Seicento e Ottocento..* Milano: Unicopli, 2002.
- BATTISTINI, Andréa. *Letteratura e Scienza*. Bologna: Zanichelli, 1977.
- CONTE, G. La metafora barocca. Saggio sulle poetiche del Seicento. Milano: Mursia, 1972.
- DRAKE, S. *Galileo: una biografia scientifica*, trad. It. Bologna: IL Mulino, 1988.
- ECO, Umberto (org.). *IL Seicento (CD-ROM)*. Milano: Opera Multimedia, 1995.
- FRONTEGGIANI, Maria Teresa. “Caratteristiche del linguaggio scientifico rintracciabile negli scritti di Galilei, Redi e Volta, in “Annali dell’Università per Stranieri di Perugia, 15 (1990), pp. 209-216.
- GARIN, Eugenio. *Storia della filosofia italiana*. Torino: Einaudi, 1966.
- GUGLIELMINETTI, Marziano. In: *Storia della Civiltà Letteraria Italiana* (dir. G.Squarotti), vol. III. Torino: UTET, 1990.
- JANNACO, Carmine e CAPUCCI, Martino. *Storia letteraria d’Italia* (vol. VIII). Milano: Vallardi, 1986.

¹⁴ Rosa, Alberto Asor . In: *Letteratura italiana. Storia e testi*. Roma-Bari: Laterza, 1974, p. 359.

- KOYRÉ, A. *Studi galileani*, trad. it. Torino: Einaudi, 1979.
- RAIMONDI, Ezio. *Scienza e Letteratura*. Torino: Einaudi, 1978
- _____. *Letteratura e identità nazionale*. Milano: Mondadori, 1998.
- _____. *Letteratura barocca. Studi sul Seicento italiano*. Firenze: Olschki, 1982.
- _____. (org.) *Trattatisti e narratori del Seicento*. Milano-Napoli: Ricciardi, 1960.
- ROSSI, Paolo. *Clavis Universalis*. Bologna: Il Mulino, 1983.
- _____. *Immagini della scienza*. Roma: Riuniti, 1977.
- _____. *I ragni e le formiche: una apologia della storia della scienza*. Bologna: Il Mulino, 1986.
- _____. *La scienza e la filosofia dei moderni: aspetti della rivoluzione scientifica*. Torino: Bollati Boringhieri, 1989.
- _____. *Storia della scienza moderna* (org.). Torino: Utet, 1988.
- TAGLIAGAMBE, S. *La mediazione lingüística. Il rapporto pensiero-linguaggio da Leibniz a Hegel*. Milano: Feltrinelli, 1980.
- SIMONE, Raffaele. “Seicento e Settecento”, in *Storia della lingüística*, vol. II. Bologna: IL Mulino, 1990, p. 313-395.

Obras de Francesco Redi consultadas:

- REDI, Francesco. *Esperienze intorno alla generazione degli insetti*, intr. de Walter Bernardi. Firenze:Giunti, 1996.
- _____. *Osservazioni intorno alle vipere*. Firenze: Pier Matini, 1686.
- _____. *Bacco in Toscana* (intr. de Carmine Chiodo). Roma: Bulzoni, 1996.
- _____. *Bacco in Toscana* (intr. de Piero Giacosa). Bergamo: Veronelli, 1995.

Prof. Dr. Sérgio Mauro

Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Araraquara
Departamento de Letras Modernas
oruam@fclar.unesp.br